

ENTRE PALAVRAS E IMAGENS: PRÁTICAS ANTIRRACISTAS COM O CINEMA NEGRO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Maeles Carla Geisler ¹
Sandro Lauri da Silva Galarça ²

RESUMO

A lei 10.639/03 da educação para as relações étnico-raciais completa 22 anos desde a sua aprovação. Com o intuito de visibilizar ações voltadas para uma educação antirracista, esta pesquisa apresenta um relato de experiência com práticas antirracistas. Objetiva-se pontuar aspectos que podem ser desenvolvidos nos estudantes com estas práticas voltadas para a educação étnico racial, trabalhando o cinema negro. Por meio de um relato de experiência são entrelaçados pressupostos de teóricos da educação (Freire, 2015; 2024; hooks, 2017), da mídia (Belloni, 2009; Jenkins, 2022), da educação antirracista (Cavalleiro, 2024), e das questões étnico-raciais (Munanga, 2009; 2015; Ribeiro, 2018), entre outros que discutem a temática. O filme trabalhado em sala de aula é “*Half of a yellow sun*” (2013) do nigeriano Biyi Bandele, que é uma adaptação do romance “*Half of a yellow sun*” (2006) da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O tema central do romance histórico e igualmente do filme é a guerra civil da Nigéria (1967-1970). A história tem início com a independência do país em 1960 e mostra os fatos que antecederam ao conflito com a dinâmica da vida dos personagens antes da guerra até o seu término, em 1970. Tendo o conhecimento da dimensão do problema do racismo em nossa sociedade se faz urgente a educação voltada para as relações étnico-raciais. Esse conjunto de práticas na educação básica torna-se fundamental, no sentido de combater o preconceito racial em relação às pessoas negras e de valorização de personalidades negras, trabalhando com suas produções artísticas, científicas e intelectuais em sala de aula, incorporando-as no currículo. O cinema, ao despertar sensibilidades por meio de experiências estéticas, pode desempenhar um papel importante no fortalecimento da identidade negra, promovendo o reconhecimento das raízes culturais dos estudantes e a valorização de seus vínculos com a própria origem e pertencimento.

Palavras-chave: Educação antirracista, Mídia, Cinema negro.

INTRODUÇÃO

Paulo Freire (2024) afirma que é responsabilidade de todos combater qualquer tipo de discriminação, uma vez que ela fere os princípios éticos. No Brasil, contudo, persiste a crença no “mito da democracia racial” (Gonzalez, 1984, p. 228), que leva

¹ Mestranda em Educação na Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: maelesgeisler79@gmail.com;

² Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professor da Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: sgalarca@furb.br.



muitos a acreditarem que não existe racismo no país, o que resulta na falta de iniciativas e mobilizações para enfrentá-lo e superá-lo.

A Lei 10.639/03 da educação para as relações étnico-raciais estabelece a obrigatoriedade do ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana em todas as etapas da educação básica, incluindo o ensino médio. Conforme o Art. 26-A, é previsto o estudo da história do continente africano, das lutas da população negra no Brasil e de sua cultura, destacando a relevância das contribuições dos negros para a construção social, econômica e política do país (Brasil, 2017, p. 21). Essa diretriz também é reafirmada pela BNCC, que incorpora esses conteúdos como temas contemporâneos transversais nos currículos escolares afirmando:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (Brasil, 2018, p. 19).

Pensar a educação antirracista requer o entendimento dos contextos históricos, culturais, políticos e sociais que caracterizam o mundo atual. A sociedade contemporânea está profundamente influenciada pelas tecnologias, cuja presença no campo educacional demanda iniciativas concretas voltadas à formação de professores e à produção de conhecimento por meio de pesquisas (Belloni, 2009). Segundo Jenkins (2022), vivemos em uma “cultura da convergência” (p. 45), onde as práticas sociais se entrelaçam com os ambientes digitais. Nesse cenário, os estudantes circulam simultaneamente pelos espaços físicos e virtuais, o que interfere diretamente nas metodologias de ensino e nos modos de aprender.

Esta pesquisa tem como objetivo destacar aspectos que podem ser desenvolvidos nos estudantes voltados para a sensibilização das relações étnico-raciais por meio de práticas educativas voltadas à valorização da diversidade étnico-racial, utilizando o cinema negro como recurso pedagógico.

Para o referencial teórico são articuladas as contribuições de autores da área da educação (Freire, 2015; 2024; hooks, 2017), da mídia (Belloni, 2009; Jenkins, 2022), da educação antirracista (Cavalleiro, 2024; Gomes, 2024) e dos estudos sobre relações étnico-raciais (Munanga, 2009; 2015; Ribeiro, 2018), entre outros que discutem a temática.



METODOLOGIA

A metodologia aplicada na pesquisa é o relato de experiência que entrelaça a vivência de sala de aula com fundamentos teóricos de estudiosos. A atividade desenvolvida em sala de aula ocorreu com o filme *Half of a Yellow Sun* (2013), dirigido pelo cineasta nigeriano Biyi Bandele, uma adaptação cinematográfica do romance homônimo de Chimamanda Ngozi Adichie, publicado em 2006. Tanto o livro quanto o filme abordam a guerra civil da Nigéria (1967-1970), iniciando com a independência do país em 1960 e retratando os acontecimentos que levaram ao conflito, acompanhando a trajetória dos personagens desde o período anterior à guerra até o seu desfecho, em 1970.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa apresenta a seguir a fundamentação teórica com as discussões e resultados, iniciando com o relato de experiência das aulas, logo em seguida com o cinema negro e sua atuação no contexto educacional, e para finalizar as discussões, debate-se sobre a mídia e o antirracismo no cenário da educação.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

As aulas de língua inglesa ministradas com o filme *Half of a yellow sun* ocorreram em turmas do primeiro e terceiro anos do ensino médio em escola pública na cidade de Blumenau, totalizando 375 estudantes. Seguem os momentos que compreendem as aulas, no total de 5 horas-aula:

Quadro 1 – Plano de aula

Objetivo: promover uma sensibilização étnico-racial por meio do filme <i>Half of a yellow sun</i> , apresentando uma parte da história da Nigéria e contextualizando com a autora do romance que deu origem ao filme, para assim, dar visibilidade aos autores negros, à produção artística das pessoas negras. Neste sentido, oportunizar a valorização da identidade negra e despertar para o reconhecimento da história dos povos africanos como essencial para a formação de cidadãos tolerantes com as diferenças.	
Etapas	Atividades realizadas/Aulas ministradas



Momento 1 (1 hora-aula)	Apresentação da biografia da autora do romance <i>Half of a yellow sun</i> , Chimamanda Ngozi Adichie, mostrando imagens da escritora projetadas na lousa digital; Projeção do mapa da Nigéria e sua localização no continente Africano; Explanação sobre a colonização na Nigéria, a língua inglesa como língua oficial por ter sido uma colônia da Inglaterra e outros aspectos que envolvem o processo de colonização; Contextualização da história do filme <i>Half of a yellow sun</i> abordando o período da independência da Nigéria.
Momento 2 (3 horas-aula)	Exibição do filme <i>Half of a yellow sun</i> (legendado) Comentários da professora durante o filme para ajudar na compreensão da história.
Momento 3 (1 hora-aula)	Discussão sobre o filme; <i>Feedback</i> dos estudantes.

Fonte: A autora (2025)

Em todas as turmas participantes das aulas os estudantes alegaram não ter conhecimento da escritora Chimamanda Adichie, nem do romance e do filme *Half of a yellow sun*. O mesmo ocorreu em relação à língua inglesa ser falada na Nigéria, os jovens não sabiam.

Nas discussões pós exibição do filme, os jovens apresentaram muitas dúvidas em relação aos acontecimentos históricos narrados, o que exigiu alguns esclarecimentos. Alguns alegaram ter dificuldade em acompanhar filmes legendados, o que foi um empecilho para o entendimento da trama. Entretanto, o tema central da história gerou discussões e é esse debate que auxilia para que o objetivo principal das aulas seja alcançado, mesmo que alguns demonstrem indiferença. É necessário trabalhar a história da África, trazer para o centro das discussões das aulas essa história, e principalmente, pelo olhar de pessoas negras que fizeram e fazem parte destes acontecimentos.

O FILME *HALF OF A YELLOW SUN* DE BIYI BANDELE



O Cinema Negro introduz na escola um espaço propício para reflexões críticas, incômodos produtivos e indagações que impulsionam a construção de saberes voltados à descolonização. Para cumprir esse papel, sua metodologia deve ser planejada com intencionalidade, considerando que o ambiente escolar tem um papel central na formação das relações sociais e pode fomentar ações coletivas e permanentes que incentivem o posicionamento social dos sujeitos (Lobo, 2017).

De acordo com Lobo (2017, p. 56) “a escola monocultural que ainda teima em invisibilizar a diversidade marginaliza a complexidade existencial dos universos culturais que fogem a sua referência”. As escolas ainda demonstram resistência em implementar de forma efetiva a Lei 10.639/03, embora esta possa ser aplicada de maneira significativa por meio do cinema negro. A autora aponta que, no contexto escolar, é possível identificar uma crise no próprio sentido existencial da instituição. Essa situação resulta da imposição crescente de padrões sociais que não dialogam com a vivência do estudante negro, evidenciando a urgência de reconstruir imagens afirmativas frente ao esgotamento de sistemas de dominação racial. Tal reconstrução ganha força na busca por relações mais igualitárias, alinhadas ao compromisso com o respeito à diversidade (Lobo, 2017).

Como agente de estímulo às sensibilidades estéticas, o cinema pode favorecer o reconhecimento da identidade negra, fortalecendo as raízes culturais dos estudantes e promovendo a valorização de seu sentimento de pertencimento. As expressões estéticas do cinema negro exercem um papel essencial ao demonstrar “a existência de uma civilização negra”, o que corresponde aos esforços da população negra contemporânea (Fanon, 2008, p. 46). No contexto escolar, essa civilização busca o devido reconhecimento, o que torna necessário, segundo Gomes (2024), refletir sobre o impacto das diferenças étnico-raciais nas trajetórias históricas e nas condições de vida do povo brasileiro, uma questão que se manifesta diariamente nas dinâmicas escolares.

Lançado em 2013 sob a direção de Biyi Bandele, o filme *Half of a Yellow Sun* é uma adaptação cinematográfica do livro de Chimamanda Ngozi Adichie *Half of a Yellow Sun* de 2006. A produção anglo-nigeriana, embora não reproduza integralmente os elementos da obra literária, consegue representar de maneira expressiva a essência da narrativa criada pela autora.

Gravado na Nigéria, local onde se ambienta o romance de Adichie, o filme assume aquilo que para os autores Borges, Oliveira e Ventura (2020), é uma perspectiva distinta por parte dos cineastas, ao representar sujeitos e coletividades negras de forma que rompe com os padrões hegemônicos que historicamente reforçam a inferiorização dos



afrodescendentes. Essa abordagem representa um dos pilares de resistência promovidos pelo cinema negro.

O filme *Half of a Yellow Sun* (2013), se passa durante a Guerra Civil Nigeriana, abrangendo o período de 1967 a 1970. A trama acompanha as irmãs gêmeas Olanna e Kainene Ozobia, filhas de um empresário bem-sucedido, o professor universitário Odenigbo, seu empregado doméstico, Ugwu, e o jornalista britânico Richard. Olanna, Kainene e Odenigbo pertencem à etnia Igbo, que buscava a separação da Nigéria para formar a República de Biafra, localizada no sul do país, de maioria cristã. Já no norte predominavam os Hauçás, de religião muçulmana, responsáveis por massacres contra o povo Igbo antes do início da guerra.

Na primeira parte do filme, a narrativa se concentrou nos relacionamentos amorosos dos casais, nas demonstrações de afeto entre os personagens, em diálogos sobre posicionamentos políticos e na conjuntura do governo após a independência da Nigéria em 1960. Foram retratados costumes da época, incluindo a culinária, enquanto a tensão pré-guerra ia se delineando gradualmente. Somente na segunda metade da obra é que os conflitos e a violência da guerra civil nigeriana ganharam destaque, estendendo-se até o encerramento da guerra, em 1970, quando o filme termina. Assim, a produção cinematográfica abordou não apenas os horrores da guerra, mas também momentos de ternura, afetividade, as interações entre os personagens e suas diferentes condições sociais, contemplando desde a classe média até pessoas das classes mais baixa e alta.

ANTIRRACISMO E MÍDIA EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

As transformações promovidas pelas mídias digitais, conforme pontua Jenkins (2022), afetam significativamente a produção de significados na cultura contemporânea, influenciando diversos campos sociais, tais como religião, educação, direito, política, publicidade e até mesmo o setor militar. Nesse contexto, é fundamental reavaliar as práticas pedagógicas com o objetivo de manter o compromisso da educação com sua função formadora, especialmente no que diz respeito ao estímulo à cidadania crítica. Conforme destaca Belloni (2009), a escola deve assumir o papel de promover a formação de indivíduos preparados para atuar na vida em sociedade, incentivando o uso crítico e criativo dos recursos tecnológicos disponíveis nesse meio.

A ideia de uma democracia racial, amplamente disseminada no imaginário coletivo brasileiro, atua como um véu que encobre as desigualdades raciais existentes e



favorece a perpetuação do racismo em diferentes contextos sociais, incluindo o ambiente escolar. O preconceito racial se manifesta de maneira velada, porém constante, nas práticas pedagógicas, nas interações cotidianas e nas rotinas das instituições de ensino. O racismo se faz presente tanto nos conteúdos abordados quanto nas posturas de professores e professoras, nas brincadeiras entre estudantes e em toda a organização escolar. Diante disso, cabe aos profissionais da educação a responsabilidade de sensibilizar os alunos sobre o caráter criminoso do racismo e a importância de enfrentar firmemente atitudes discriminatórias no espaço escolar. Para isso, é essencial conforme destaca Nilma Lino Gomes (2024), estar atento à forma como a população negra é representada em materiais didáticos, cartazes, eventos escolares e apresentações, além de romper com o silêncio em torno das questões raciais na escola. Tais iniciativas compõem uma proposta de educação antirracista voltada para a promoção da equidade e da justiça social.

A aprovação da lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, representa um avanço significativo conquistado pelo movimento negro, ao desafiar a predominância eurocêntrica que historicamente caracteriza a educação no Brasil. Esse marco legal foi posteriormente ampliado pela lei 11.645/2008, que também estabelece o ensino obrigatório da história e cultura dos povos indígenas. Ambas as leis têm como objetivo valorizar os conhecimentos dessas populações, reconhecer suas contribuições para a formação da sociedade brasileira e promover a reflexão crítica sobre as desigualdades históricas que essas comunidades enfrentam.

O professor desempenha um papel essencial na construção de práticas antirracistas, atuando na transformação, mesmo que parcial, das situações de opressão presentes no ambiente escolar. Essa transformação se dá por meio de decisões intencionais, guiadas por um compromisso ético e político. Ao adotar essa postura, o educador se posiciona como alguém que rejeita o silêncio diante das injustiças e assume o dever de agir de forma ativa na transformação da realidade (Cavalleiro; Gomes, 2024).

A concepção de uma educação libertadora, como propõe Paulo Freire (1980; 2018), exige do educador um comprometimento ético e profissional com a transformação social. Para o autor (2018), esse envolvimento deve ser assumido por todos como parte essencial do processo de humanização, no qual cada indivíduo é chamado a participar ativamente.

Considerar o racismo como uma realidade imutável e impossível de ser superada reflete uma visão fatalista, criticada por Paulo Freire (2015) como sendo ingênua e passiva diante das opressões. Para o educador, romper com esse fatalismo exige cultivar



a esperança e adotar uma postura crítica diante das estruturas sociais, favorecendo a transformação da realidade e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As práticas antirracistas desempenham um papel essencial na desconstrução da hegemonia dominante, ao favorecer a empatia e o reconhecimento do outro nas diferenças, contribuindo assim para desmistificar a ideia de que estudantes negros têm baixo desempenho por falta de capacidade ou interesse. Essa visão ignora as profundas desigualdades históricas e estruturais (Brasil, 2004). Cavalleiro (2024) enfatiza que a educação antirracista deve ser vista como uma estratégia para elevar a qualidade do ensino e formar cidadãos plenos, conscientes de seus direitos e deveres.

O cinema negro é um instrumento que potencializa as práticas antirracistas, visto que esse recurso midiático ao colocar o negro como protagonista de forma não estereotipada combate preconceitos e valoriza a identidade das pessoas negras. Em um contexto social atravessado pelo racismo estrutural (Almeida, 2019), a mídia muitas vezes reforça estigmas e preconceitos. Por isso, seu uso como instrumento no enfrentamento ao racismo configura uma estratégia pedagógica poderosa, capaz de intervir diretamente no imaginário e nas representações simbólicas dos estudantes. Trata-se de uma forma de intervenção que busca, conforme aponta Munanga (2009, p. 56), “contribuir para a construção de uma nova sociedade, onde todos os mortais poderão encontrar seu lugar” com igualdade e justiça.

De acordo com Kabengele Munanga (2009, p. 12), três “componentes são essenciais na construção de uma identidade ou de uma personalidade coletiva, a saber: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico”. Esses fatores formam a identidade cultural, sendo que o fator histórico é o mais importante “na medida em que constitui o cimento cultural que une os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade”. O autor em seu artigo “Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?” (2015) argumenta da urgência de uma educação multicultural que foque na diversidade “ao incluir na formação da cidadania a história e a cultura de outras raízes formadoras do Brasil” como a dos povos negros e indígenas (Munanga, 2015, p. 20).

O filme *Half of a yellow sun* (2013), trabalhado em sala de aula, conta uma parte da história da Nigéria pela perspectiva de uma mulher nigeriana, a escritora Chimamanda Adichie, uma história retratada pelo cineasta também nigeriano Biyi Bandele. A obra cinematográfica apresenta os olhares negros, que trazem uma narrativa sob o ponto de vista de nigerianos, dos colonizados, confrontando as histórias narradas pelos olhares



eurocêntricos, do colonizador. Como argumentado por Munanga (2015), a história da África precisa ser ensinada nas escolas para a construção e afirmação das identidades negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste artigo evidenciou o potencial transformador das práticas pedagógicas antirracistas mediadas pelo cinema negro no ensino de língua inglesa. A escolha do filme *Half of a Yellow Sun* (2013), dirigido por Biyi Bandele, mostrou-se eficaz não apenas por seu conteúdo histórico-cultural relevante, mas também por possibilitar aos estudantes o contato com uma narrativa construída a partir do olhar de autores e cineastas negros, fugindo da perspectiva eurocêntrica ainda dominante nos currículos escolares.

Ao apresentar a história da Nigéria sob a ótica da escritora Chimamanda Adichie e do cineasta nigeriano, os estudantes puderam acessar um repertório estético e simbólico que contribui para a desconstrução de estereótipos raciais e para o fortalecimento da identidade negra. Ainda que alguns desafios tenham sido identificados, como a dificuldade em acompanhar filmes legendados e a falta de familiaridade prévia com o contexto africano, a mobilização reflexiva gerada nas discussões pós-filme demonstra que tais práticas são valiosas para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões étnico-raciais.

De acordo com Paulo Freire (2024), a prática educativa deve ser orientada por um compromisso ético com a transformação social. Neste sentido, o trabalho com o cinema negro em sala de aula, além de atender à legislação vigente, como a lei 10.639/03, representa uma ação concreta na construção de uma escola mais inclusiva, democrática e sintonizada com os direitos humanos. A presença da mídia como aliada à educação, quando utilizada de forma crítica e intencional, pode contribuir significativamente para a valorização da diversidade e para a formação de sujeitos conscientes de seu papel social.

Diante da gravidade do racismo presente em nossa sociedade, torna-se indispensável uma educação que promova as relações étnico-raciais. As práticas pedagógicas nesse campo, especialmente na educação básica, são essenciais para enfrentar o preconceito contra a população negra e valorizar suas contribuições por meio da inserção de produções artísticas, científicas e intelectuais no ambiente escolar. O cinema, ao proporcionar vivências estéticas capazes de sensibilizar, exerce um papel



relevante no fortalecimento da identidade negra, favorecendo o reconhecimento das heranças culturais dos estudantes e reforçando os laços com sua origem e senso de pertencimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BELLONI, Maria. Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BORGES, Roberto; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; VENTURA, Hélio Lúcio dos Reis. Cinema negro na educação antirracista: uma possibilidade de reeducação no olhar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, jun./set. 2020. Disponível em: [Cinema negro na educação antirracista: uma possibilidade de reeducação do olhar | Revista Teias \(uerj.br\)](https://revista.teias.uerj.br/). Acesso em: 13 jul. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 13 jul. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Trad. Lilian Lopes Martin. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. 7 ed. São Paulo: Selo Negro, 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, Rio de Janeiro, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-



[%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira%20%281%29.pdf](#). Acesso em: 13 jul. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad. Susana Alexandria. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2022.

LOBO, Mory Marcia de Oliveira. **Cinema negro da educação**: as materialidades da imagem de autoafirmação no processo de descolonização em “A dialética do amor”. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2017. Disponível em: [Repositorio Institucional: Cinema negro na educação : as materialidades da imagem de autoafirmação no processo de descolonização em “a dialética do amor” \(ufmt.br\)](#). Acesso em: 13 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p.20-31, dez, 2015. Disponível em: [scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?format=pdf](#). Acesso em: 13 de jul. 2025.

